

A construção da enunciação ou a construção do enunciado? Diálogos entre duas traduções de um ensaio de Volóchinov

*The construction of enunciation or the construction of the enunciated?
Dialogues between two translations of an essay by Volóchinov*

TAIANE ANDRADE

Discente de Letras Vernáculas e bolsista do PIBIC (UFBA)
E-mail: tai.andrades@gmail.com

ADRIANA PUCCI PENTEADO DE FARIA E SILVA

Orientadora e professora (UFBA)
E-mail: apucci@uol.com.br

Resumo: Esse artigo pretende examinar as diferenças entre duas traduções de um artigo de Valentin Volóchinov, escrito em 1930, para o português brasileiro. Trata-se de trabalho resultante de pesquisa vinculada ao Projeto *Análise Dialógica do Discurso*: diálogos com teoria e prática à luz das novas traduções das obras de Bakhtin e do Círculo, realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Os textos das duas traduções foram comparados e analisados quanto aos termos e construções sintáticas empregados para analisar o sentido produzido e suas implicações na interpretação do texto e a eventual (in)adequação à *Análise Dialógica do Discurso*. O cotejo das duas edições aponta para diferenças fundamentais e mostra que a tradução direta trouxe muitos benefícios ao público leitor da obra em português.

Palavras-chave: Dialogismo; enunciado concreto; *Análise Dialógica do Discurso*; Volóchinov; Círculo de Bakhtin.

Abstract: This article aims to examine the differences between two translations of an article by Valentin Voloshinov, written in 1930, into Brazilian Portuguese. It is the result of research linked to the Dialogical Discourse Analysis Project: dialogues with theory and practice in the light of new translations of Bakhtin and the Circle, carried out under the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) at the Federal University of Bahia (UFBA). The texts of the two translations were compared and analyzed regarding the terms and syntactic constructions used to analyze the produced meaning and its implications for the interpretation of the text and the eventual (in)adequacy to Dialogical Discourse Analysis. The comparison of the two editions points to fundamental differences and shows that the direct translation brought many benefits to the Portuguese-speaking readership of the work.

Keywords: Dialogism; concrete utterance; Dialogical Discourse Analysis; Voloshinov; Bakhtin Circle.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1990, na Rússia, teve início um grande projeto de edição das obras reunidas de Bakhtin, com previsão de um volume, que seria o sétimo tomo, dedicado também aos escritos de outros pesquisadores do Círculo, como Volóchinov e Medviédev (GRILLO; AMÉRICO, 2009; STAFUZZA, 2019).

Embora esse último tomo não tenha se concretizado, o interesse por pesquisas aos arquivos de Volóchinov fomentou, no Brasil, sobretudo pela atuação de Sheila Grillo, a publicação de textos desse pensador inéditos em português ou novas edições de obras que haviam chegado à nossa língua por meio de traduções indiretas via inglês, espanhol ou italiano.

Conhecemos *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1979), com assinatura “Bakhtin (Volochinov)”¹, em edição publicada pela Editora Hucitec, elaborada com base nas edições francesa e estadunidense (BRAIT; PISTORI, 2020). A tradução direta dessa obra, feita por Sheila Grillo e Ekaterina Américo, data de 2017.

Em 2013, outros trabalhos de Volóchinov foram publicados no Brasil, reunidos na edição *A construção da enunciação e outros ensaios* (VOLÓCHINOV, 2013), em tradução indireta de João Wanderley Geraldi via edições em italiano, espanhol e inglês. Nesse caso, a autoria, na capa do livro, vem com a assinatura “Valentin Nikolaevih Volochínov. Do Círculo de Bakhtin”.

Após apenas seis anos, vem à luz o volume *A palavra na vida e a palavra na poesia. Ensaios, artigos, resenhas e poemas* (VOLÓCHINOV, 2019), com assinatura “Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin)”. O volume, com tradução direta de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, traz todos os ensaios presentes na edição de 2013 e outros textos inéditos.

Em nosso país, portanto, quem estuda Bakhtin ou Volóchinov e não lê outros idiomas têm à disposição, para uma mesma obra, traduções que respondem a momentos distintos da história de divulgação desses autores no Brasil².

Neste trabalho, nosso objetivo é contribuir para as discussões sobre a recepção brasileira das obras de Volóchinov, apresentando alguns resultados da comparação entre as diferentes versões em português de um dos ensaios do pensador russo. Trata-se de artigo publicado em 1930, com o título, de acordo com nossa tradução direta, “Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado”.

2 O CORPUS DA PESQUISA

O ensaio tomado como fonte do *corpus* destas reflexões foi publicado em Moscou-Leningrado no ano de 1930, como parte de uma série de artigos publicados na

¹ A grafia do nome do autor seguirá aquela das edições que estivermos mencionando, se for esse o caso. Quando usarmos seu nome sem menção específica a uma edição, usaremos Volóchinov, modo empregado por Sheila Grillo e Ekaterina Américo nas novas traduções.

² Para uma visão geral das obras em português, sugerimos consultar o site *Círculo de Bakhtin: traduções em diálogo*, em: <https://traducoesdocirculo.wordpress.com/tabelas/>.

revista *Estudos da Literatura (Literatúrnaia Utchióba)* sob o título geral de “Estilística do discurso literário” (GRILLO; AMÉRICO, 2019).

O título do ensaio na nossa primeira tradução, indireta, era “A construção da enunciação”; na direta, passa para “A construção do enunciado”.

A primeira discussão que deriva da comparação, portanto, parte dos títulos e já vem sendo divulgada há algum tempo por pesquisadores da obra de Bakhtin e do Círculo. Geraldo Tadeu Souza, com sua obra *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto: do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev*, foi um dos pioneiros nesse debate, como veremos adiante.

Trata-se de um artigo dividido em sete seções, nas quais Volóchinov explica que elementos são considerados pelo falante ao se expressar em situações de comunicação discursiva, ou seja, na construção de seus enunciados. Nesse sentido, o enunciado concreto não se restringe à expressão verbal do falante, mas também se refere à expressão corporal, da gesticulação à expressão facial.

Volóchinov apresenta o conceito de orientação social do enunciado (o auditório), que corresponde à consideração da relação sócio-hierárquica existente entre os interlocutores – por exemplo, a classe social a que pertence cada um deles, aos bens que possuem, a patente ou o título que ostentam, entre outros aspectos que indicam a posição social que o falante e o ouvinte ocupam. Além da orientação social, Volóchinov expõe o conceito da parte extraverbal que compõe um enunciado e é responsável por estabelecer o sentido da parte verbal.

Após apresentar esses conceitos, o mestre russo trata da forma do enunciado, cujos elementos fundamentais são a entonação, a escolha e a disposição das palavras. Na última parte do artigo, aborda-se a estilística do enunciado. Ressalte-se que, ao longo das seções, o autor recorre a exemplos, sobretudo retirados de *Almas Mortas*, obra de Gógol, para ilustrar como todos os elementos citados incidem sobre o enunciado do discurso cotidiano.

Para facilitar a identificação das traduções ao longo do presente artigo, utilizaremos as siglas T1 para fazer referência à tradução indireta e T2 para indicar a tradução direta.

3 ALGUMAS DIFERENÇAS ENCONTRADAS ENTRE AS TRADUÇÕES

A primeira diferença entre as traduções se verifica no título atribuído ao ensaio: A construção da *enunciação* em T1, e A construção do *enunciado*, em T2, de modo que *enunciação* é empregado ao longo de T1, e *enunciado*, ao longo de T2. Essa oscilação foi comentada e mapeada por Souza:

Enquanto conceito, ou seja, enquanto um elemento do discurso científico na tradição dos estudos linguísticos a partir de Benveniste, *enunciado* e *enunciação* tem (*sic*) acepções diferentes: enquanto *enunciado* se refere ao produto do discurso, *enunciação* se refere ao processo ou “situação” de discurso. [...]. Essa distinção entre produto e processo não encontra eco na obra do Círculo, onde todo

enunciado concreto compreende o produto – o material verbal – e o processo – a situação – em interação orgânica. [...] (SOUZA, 2002, p. 47-48).

Souza, portanto, assume o termo *enunciado* como título de sua obra, mostrando que, dentro do conjunto da obra do Círculo, ele é muito mais adequado do que o emprego de *enunciação*.

Na Introdução de *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011), o professor, especialista em Bakhtin e tradutor Paulo Bezerra mostra que “[...] o autor emprega um só termo – *viskázivanie* – quer para o ato de emissão do discurso, que seria a enunciação, quer para um discurso já pronunciado e até um romance, que seria o enunciado. [...]” (BEZERRA, 2011, XI-XII).

Anos depois, no posfácio do livro *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016), Bezerra, ao apontar as mudanças entre sua tradução anterior dos trabalhos contidos no volume, comenta a substituição do emprego de *enunciação* pelo de *enunciado*:

Em traduções anteriores, talvez influenciado por outras correntes linguísticas, eu havia traduzido o termo russo *viskázivanie* por “enunciação” quando se tratava de ato ou produção imediata de fala ou discurso. A releitura cuidadosa e analítica que fiz dos textos para esta edição me fez perceber que eu havia de fato cometido uma séria impropriedade [...]” (BEZERRA, 2016, p. 153).

Portanto, vemos com Bezerra que, em se tratando de teorias linguísticas, os termos se referem a conceitos distintos. Essa diferença é comentada pelo tradutor de T1, que explica sua escolha e justifica que o sujeito de Benveniste não se confundiria com o locutor do Círculo de Bakhtin. Contudo, essa seria a única forma de entender o significado de “o evento do enunciado”.

Na teoria da enunciação de Benveniste, citada pelo tradutor, há diferença entre a enunciação e o enunciado, pois “a enunciação é o ato de pôr em uso o sistema da língua (um processo) e o enunciado é o resultado desse ato (um produto)” (SILVA, 2013, p. 49). A transformação da língua em fala acontece através da enunciação, que é um instrumento que abarca as categorias de pessoa, tempo e espaço, e tem como sujeito central quem pratica o ato de enunciar, ou seja, o falante é o núcleo sobre o qual o enunciado se constrói.

Fiorin (1996) explica que a categoria de pessoa viabiliza que um falante transforme a linguagem em discurso, e esse “eu” é considerado de forma abstrata e tem caráter apenas linguístico. Benveniste (1989, p. 82) é claro ao indicar o objeto de sua teoria: “[...] é **o ato mesmo de produzir um enunciado**, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (grifo nosso).

Em sentido oposto, a teoria dialógica entende que o enunciado é produto da comunicação discursiva, e seus elementos são considerados de acordo com a situação concreta em que ele foi produzido. Na teoria do Círculo, o centro da linguagem é a relação entre os interlocutores, em volta da qual o enunciado é construído na interação

verbal. Tanto o falante quanto o “tu” a quem ele se dirige pertencem a uma determinada classe social, ocupam uma dada posição social ou hierárquica no seio de uma coletividade.

Esse enunciado é concreto porque sua construção e seu sentido dependem da situação na qual é produzido, ou seja, de elementos linguísticos e extralinguísticos – e ambos são essenciais à interpretação do seu sentido. Nesse sentido, Volóchinov (2021, p. 218-219) afirma que a realidade da linguagem é “[...] o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”.

Após fazer algumas considerações sobre as teorias de Benveniste e do Círculo de Bakhtin, o tradutor de T1 questiona:

De que outra forma se deve entender a tradução literal “o acontecimento do enunciado” senão como enunciação? Ele aconteceria sem ter sido pronunciado, proferido em algum momento, num tempo e espaço específico em que o acontecimento se daria? [...] (GERALDI, 2013, p. 16-17).

Discordamos da opção por “enunciação” feita em T1, alinhando-nos com Souza (2002) e Bezerra (2016). Volóchinov, no próprio ensaio analisado, explica que o enunciado é composto de uma parte verbal e de uma extraverbal, que corresponde a aspectos subentendidos que formam a chamada *situação* do enunciado: o tempo e o espaço, o objeto ou tema do enunciado e avaliação dos interlocutores.

A diferença entre as traduções que está no título e “salta aos olhos”, portanto, já foi debatida por outros pesquisadores e é bastante marcada pela própria circulação do discurso científico. Neste caso, nosso posicionamento aponta para a opção de T2. Entendemos, contudo, que a tradução é resultado de interações, não é uma mera transposição de códigos.

Cada tradução, em perspectiva dialógica (COSTA E SILVA, 2011), é um novo enunciado concreto, que carrega diferentes contextos de chegada. O conhecimento que se tem, no Brasil, da filosofia da linguagem de Volóchinov amplia-se com o tempo, e é de se esperar que as traduções novas, que derivam não apenas do acesso ao texto da língua original, mas também a novos estudos sobre seu autor, sejam mais precisas.

Passemos à análise de outros aspectos que se diferenciam nas edições em análise, que não têm relação direta com o discurso científico. Como vamos cotejar trechos específicos do texto, faremos uso de quadros comparativos que contêm os trechos dos textos das traduções: na coluna da esquerda, ficará o texto de T1, traduzido indiretamente do espanhol por João Wanderley Geraldi, e, na coluna da direita, o texto de T2, tradução feita diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

Na quinta seção do artigo, Volóchinov discorre sobre a parte extraverbal (subentendida) do enunciado, a qual é indispensável para entender o sentido da parte verbal, que não pode ser compreendido: “[...] se não conhecermos todas as condições nas quais ele é pronunciado” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 283). Para esclarecer o que seria a parte extraverbal, o autor utiliza o seguinte exemplo:

Quadro 1: Comparativo dos textos das traduções

T1	T2
Um homem de barba grisalha, sentado diante de uma mesa, depois de um minuto de silêncio, diz “já!”. Um jovem, que estava de pé diante dele, corou violentamente, deu a volta e se foi.	O homem de barbicha branca, sentado à mesa, depois de um minuto de silêncio disse: “É!”. O jovem em pé à sua frente enrubesceu, deu-lhe as costas e foi embora.

Fonte: T1 – Volóchinov (2013, p. 171), tradução de João Wanderley Geraldi; T2 – Volóchinov (2019, p. 283), tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

O exemplo trazido por Volóchinov contém a representação de um enunciado concreto, um diálogo e seus respectivos interlocutores, que se manifestam de alguma forma: o falante (homem sentado) pronuncia uma palavra monossilábica, breve e expressiva, cujo sentido foi compreendido pelo ouvinte (jovem em pé), que responde por meio de reações orgânica e gestual.

Apesar de a parte verbal desse diálogo ser de fácil entendimento para quem imagina a cena descrita, seu sentido não pode ser compreendido apenas a partir de perspectivas linguísticas, seja uma definição dada pelo dicionário, seja uma análise gramatical.

Para demonstrar como a parte extraverbal é determinante para a compreensão do diálogo, o exemplo é preenchido pela parte subentendida: tomamos ciência de que o falante é um examinador, cujas perguntas feitas ao jovem examinado não foram respondidas. A parte verbal foi pronunciada com tom de repreensão, por isso o ouvinte compreende que foi reprovado e sua resposta é exteriorizada por meio de uma reação fisiológica (ficar ruborizado) e um comportamento (sair).

A ciência da parte extraverbal permite a compreensão do conceito quando aplicada ao exemplo em T2, pois temos o hábito de empregar o verbo “é” em diversas situações, como, por exemplo, quando estamos impacientes, dizemos “é!” com tom de irritação; se queremos indicar obviedade, prolongamos a pronúncia do verbo: “ééé”. Portanto, é fácil imaginar o tom em que ele é empregado em uma situação de reprovação, como a descrita no exemplo.

O mesmo não acontece em T1, pois o advérbio “já” costuma ser empregado somente em situações que envolvem o aspecto temporal, em que algo demorou para acontecer – em tom de ironia - ou aconteceu muito rápido. Se a situação descrita por Volóchinov acontecesse em nosso país, numa interação em português, dificilmente ouviríamos um examinador dizendo “já” para expressar “Não teve jeito, você foi reprovado”.

Para demonstrar como diferentes situações implicam diferentes sentidos, Volóchinov apresenta outro exemplo em que a palavra monossilábica é pronunciada, mas seu conteúdo é distinto do exemplo anterior:

Quadro 2: Comparativo dos textos das traduções

T1	T2
<p>Antes de tudo, mudemos a situação. Em lugar de uma banca de exame, o portão de uma casa. O caseiro exibe um maço de bilhetes de loteria e diz com uma voz quase imperceptível “já!”.</p> <p>Nessa situação, o sentido geral da enunciação não corresponde a uma reprovação, mas sobretudo a uma admiração um tanto invejosa. “Que sorte teve esse”, “Ganhar um poço de dinheiro!”.</p>	<p>Em primeiro lugar, mudaremos a situação. No lugar da mesa de exame, haverá uma janelinha de caixa. O funcionário entrega um maço volumoso de dinheiro – o prêmio de um sorteio – e pronuncia em voz baixa: “É!”.</p> <p>Nessa situação, o sentido geral do enunciado já não é de reprovação, mas de uma admiração um tanto invejosa: “Teve sorte, homem! Ganhou uma fortuna!”.</p>

Fonte: T1 – Volóchinov (2013, p. 173), tradução de João Wanderley Geraldi; T2 – Volóchinov (2019, p. 285), tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

A utilização de outro exemplo tem o condão de demonstrar a mudança de sentido de uma mesma expressão conforme a situação em que é pronunciada. Os elementos descritivos que formam o enunciado em T1 não viabilizam o entendimento da situação: não há coerência entre o portão de uma casa, um caseiro e um maço de bilhetes. Esse cenário é incompreensível independentemente do uso de “é” ou “já”.

Em T2, conseguimos perceber no exemplo de Volóchinov uma situação em que usaríamos a expressão “é”. A descrição do exemplo em T1 prejudica o esclarecimento da ideia sobre a relação entre as partes verbal e extraverbal do enunciado.

Em busca de uma explicação para o emprego do advérbio em T1, recorreremos aos textos em espanhol usados como fonte da tradução para o português e verificamos que o enunciado-exemplo do Quadro 1 apresenta a parte verbal “¡ya!”. Consultamos o dicionário para verificar as acepções que o termo possui no idioma em casos que não envolvem o aspecto temporal, comuns aos usos em português.

No *Diccionario da língua espanhola* (Real Academia Española, 2015), consta que “ya” pode ser usado para “[...] apoyar alguien [...]”³. Já de acordo com o *Diccionario da língua castelhana*, ya “Se usa tambien como interjeccion de desprecio, con que damos á entender, ó que no hacemos caso de lo que nos dicen, ó no lo queremos hacer, ó que no lo creemos, porque juzgamos que nos van á engafiar. [...]”⁴ (IBARRA, 1783, p. 985). Assim, podemos hipotetizar que o uso de “ya” em espanhol acabou induzindo os tradutores de T1 a uma escolha que faz pouco sentido em português.

Em relação ao enunciado exemplo do Quadro 2, verificamos que a tradução para o espanhol utilizou, *ipsis litteris*, as mesmas palavras. Todavia, na tradução de 1993 há um trecho que foi suprimido na versão publicada em 1998 – e igualmente suprimido em T1:

Ante todo cambiemos la situación. En lugar de la mesa de examen, el portillo de una casa. El casero ofrece un grueso fajo de billetes - **el vencimiento de una**

³ Em tradução livre feita por nós: “apoiar alguém”.

⁴ Em tradução livre feita por nós: “usa-se também como interjeição que transmite desprezo, com a qual damos a entender que não prestamos atenção a algo que nos dizem ou que não queremos fazê-lo ou, ainda, que não acreditamos no que foi dito, porque julgamos que nos vão enganar”.

obligación - y dice con una voz apenas perceptible: «¡ya!»⁵ (BAJTIN, 1993, p. 260-261) (grifo nosso).

Nessa tradução, presente numa coletânea de textos sobre psicologia, os artigos de Volóchinov são atribuídos a Bakhtin (Bajtin). Embora algumas palavras do espanhol sejam parecidas com palavras do português, verifica-se que suas acepções nem sempre são coincidentes, por isso o contexto deve ser considerado. Por exemplo, vejamos o uso de *billete*, cujo significado em espanhol também é de *dinheiro* na América: “7. m. *Am. dinero* (moneda corriente). *Esse fulano tiene mucho billete*” (Real Academia Española, 2015, grifos no original) – o que não ocorre com *bilhete* no português brasileiro, sobretudo se for o caso de *bilhete de loteria*, como consta em T1.

Considerando essa acepção de *billete*, o trecho que existe na edição em espanhol de 1993 contém uma informação sobre a situação que esclarece a origem do maço de dinheiro, pois *vencimiento* também significa “3. m. Cumplimiento del plazo de una deuda, de una obligación, etc.” (Real Academia Española, 2015). Se seguirmos essa interpretação, porém, a ideia de “admiração um tanto invejosa” não faz o menor sentido.

Passemos a mais uma comparação entre trechos das traduções: como mencionamos, o autor recorre a alguns trechos de *Almas Mortas*, obra de Gógol, para elucidar os conceitos apresentados no texto. Contudo, tais conceitos se aplicam à construção de enunciados do discurso cotidiano, aos diálogos reais de uma interação discursiva.

Após utilizar mais um trecho da obra de Gógol como exemplo de enunciado concreto, Volóchinov apresenta o seguinte excerto:

Quadro 3: Comparativo dos textos das traduções

T1	T2
Esse procedimento de interpretação convencional de uma enunciação artística como enunciação da vida cotidiana é cientificamente perigoso, e admissível só em casos excepcionais. No entanto, por não dispormos de uma fita magnética gravada que possa transmitir-nos a efetiva transcrição de uma conversação entre pessoas reais, devemos utilizar o material literário tendo sempre presente sua particular natureza artística.	É claro que o procedimento de simular a interpretação de um enunciado literário como um enunciado cotidiano, realizado historicamente, é algo perigoso do ponto de vista científico e admissível apenas em casos excepcionais. Entretanto, como não temos um disco de gramofone que pudesse nos transmitir uma gravação real de uma conversa entre pessoas vivas, temos que fazer uso do material literário, é claro, considerando o tempo todo sua natureza artística, específica.

Fonte: T1 – Volóchinov (2013, p. 179-180), tradução de João Wanderley Geraldi; T2 – Volóchinov (2019, p. 294), tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

Nele, o pensador russo faz uma ressalva referente ao uso de trechos de uma obra literária como exemplos de enunciados cotidianos, que só deve acontecer de forma excepcional. Esse recurso – considerar que um enunciado literário é igual ao do cotidiano

⁵ Em tradução livre feita por nós: “Primeiramente, vamos mudar a situação: em vez da mesa em que acontece o exame, o portão de uma casa. O caseiro mostra um maço grosso de bilhetes – o vencimento de uma dívida- e diz com voz quase imperceptível: é...”

– é descrito como *interpretação convencional* em T1, enquanto T2 indica que isso seria *simular a interpretação*.

A ideia de tratar a obra literária como se fosse um evento da realidade fica clara em T2, pois *simular* significa “fingir que é real” – sentido que não se verifica em T1 com *interpretação convencional*.

A ressalva se refere à impossibilidade de reproduzir sonoramente a conversa cotidiana entre duas pessoas. O uso dos termos *fita magnética gravada* e *disco de gramofone* se referem a recursos tecnológicos que poderiam servir para reproduzir um diálogo cotidiano, cuja gravação tivesse sido armazenada.

Entretanto, Volóchinov escreveu o ensaio em 1929, quando apenas o gramofone estava disponível para reproduzir gravações. A gravação em fita magnética, embora tenha sido idealizada em 1928 por Fritz Pfleumer, só foi desenvolvida em 1934 (PEREIRA JÚNIOR, 1994).

Diante de tais considerações, é improvável que Volóchinov tenha mencionado a fita magnética como tecnologia apta à gravação e reprodução de sons e, conseqüentemente, T1 pode ter cometido um anacronismo. Por outro lado, o gramofone foi inventado em 1887 por Emile Berliner, e passou a ser comercializado pouco tempo depois (VIEIRA, s/d), de modo que T2 parece ter feito a tradução mais adequada.

Ademais, T1 indica que não seria possível utilizar a *transcrição* de um diálogo, mas tal reprodução tanto é viável que o autor utiliza exemplos retirados de outro texto escrito, justamente porque não é possível reproduzir um diálogo sonoramente.

A última seção do ensaio é dedicada à estilística do enunciado. Sua introdução é sucedida pela reprodução, em forma de citação direta, de um trecho de *Almas Mortas*, de Gógol, o qual narra o primeiro encontro entre o protagonista – Tchítchikov – e o general Bietríchev.

Depois da ressalva mostrada no Quadro 3, Volóchinov retoma o conceito de orientação social do enunciado⁶ para explicar sua relação com a composição da parte verbal dos enunciados do protagonista: diante de um interlocutor com a patente de Bietríchev, Tchítchikov se manifesta por meio de palavras que considera compatíveis com a posição social do general.

Quase no fim do artigo, Volóchinov retoma uma fala de Tchítchikov, contida na citação reproduzida⁷, para explicar o emprego das palavras e como o protagonista recorre a expressões descritivas no lugar de simples nomes para construir o enunciado pelo qual se apresenta ao general Bietríchev.

Todavia, os termos do diálogo reproduzido na citação direta da obra não correspondem aos termos empregados no texto da explicação em T1:

⁶ No mesmo artigo, consta que a orientação social é a “*dependência do enunciado em relação ao peso sócio-hierárquico do auditório* (isto é, do pertencimento de classe dos interlocutores, dos seus bens, da profissão, do cargo [...])” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280).

⁷ Ambas as traduções reproduzem a citação de edições brasileiras da obra: T1 utilizou a versão traduzida por Tatiana Belinky em 1972. T2 cita a tradução de Rubens Figueiredo de 2018, mas informa ter feito modificações para fins de adequação à análise de Volóchinov.

Quadro 4: Correspondência entre os termos

CITAÇÃO DE ALMAS MORTAS EM T1
Inclinando respeitosamente a cabeça para um lado e abrindo os braços e as mãos, como se fosse apresentar uma bandeja cheia de xícaras, ele fez uma reverência de corpo inteiro com extraordinária agilidade e disse: - Considerei meu dever apresentar meus respeitos a Vossa Excelência. Nutrindo respeito para com as virtudes dos varões que salvaram a pátria no campo de batalha, considerei meu dever apresentar-me pessoalmente a Vossa Excelência. [...] (VOLÓCHINOV, 2013, p. 179)
EXPLICAÇÃO SOBRE A ESTILÍSTICA EM T1
[...] Tchítchicov, vigarista hábil e aventureiro inteligente que é, sabe muito bem os pontos frágeis de seus interlocutores. A frase, ampla e desenvolvida, se abrevia de imediato, desaparecem os pronomes pessoais, as denominações precisas dos objetos são substituídas por expressões descritivas: “ <i>Sinto uma grande estima</i> ”. Tinha o quê? Certamente não tinha a coragem, mas “ <i>tinha a admiração</i> ”. Por quem? Não pelos generais, mas <i>pelos homens</i> [virtudes dos varões]. Quais? Não daqueles que defenderam a Rússia, mas “ <i>que salvaram a nossa pátria</i> ”. Onde? Não nos combates, mas “ <i>no campo de batalha</i> ”. (VOLÓCHINOV, 2013, p. 184)

Fonte: Volóchinov (2013), tradução de João Wanderley Geraldi.

A ausência de correspondência entre tais palavras – assim como o emprego de termos distintos – prejudica a compreensão do que Volóchinov pretende mostrar, na medida em que há uma lógica na sequência dos termos.

A mesma explicação, contudo, se torna muito clara em T2, na qual os termos são os mesmos empregados no diálogo reproduzido anteriormente. Observe:

Quadro 5: Correspondência entre os termos

CITAÇÃO DE ALMAS MORTAS EM T2
“Inclinando respeitosamente a cabeça para o lado e estendendo para a frente as mãos um pouco afastadas, como se fosse erguer uma bandeja com xícaras, ele dobrou o corpo inteiro, com uma agilidade admirável, e disse: – Julguei ser meu dever apresentar-me a Vossa Excelência. Como nutro respeito pelas virtudes dos homens heroicos que salvaram a pátria no campo de batalha, julguei ser meu dever apresentar-me pessoalmente a Vossa Excelência. [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 292-293)
EXPLICAÇÃO SOBRE A ESTILÍSTICA EM T2
[...] Pícaro esperto e um aventureiro astuto, Tchítchikov sabe muito bem jogar com os pontos fracos dos seus interlocutores. A frase longa e um tanto atrevida comprime-se imediatamente, os pronomes pessoais desaparecem, as denominações exatas dos objetos são substituídas por expressões descritivas: “ <i>Nutro respeito</i> ”, em relação a quê? É claro que não à coragem, mas às “ <i>virtudes</i> ”. E, de quem? Não dos generais, mas dos “ <i>homens heroicos</i> ”. E quais? Não os que defenderam a Rússia, mas os que “ <i>salvaram a pátria...</i> ”. E, onde? Não em combates, mas “ <i>no campo de batalha</i> ”. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 298)

Fonte: Volóchinov (2019), tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

A partir dos trechos selecionados como amostras para este trabalho, é possível classificar as diferenças em categorias, a saber: 1) escolhas lexicais: termos e expressões que podem ou não ser sinônimos; 2) escolhas sintáticas: referentes à posição dos sintagmas no período, que afetam ou não a clareza do texto e/ou a fluidez da leitura; 3) equívocos da tradução: palavras ou expressões que tornam o trecho inteligível em uma

tradução, mas não fazem sentido na outra e, por conseguinte, implicam uma lacuna na explicação que Volóchinov propõe.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostramos, com poucos exemplos, que há grandes diferenças entre as traduções aqui cotejadas. Não é de se estranhar que tradutores diferentes não produzam o mesmo texto. Esse é um dos princípios básicos dos Estudos da tradução, como atesta Pym (2017) ao abordar diversas teorias do ato de traduzir, entre elas a da incerteza.

Se a diferença terminológica entre “enunciação” e “enunciado” pode ser justificada pela circulação de outras teorias de linguagem em nosso(s) contexto(s) de chegada, outras diferenças que apontamos parecem ser menos justificáveis, como a escolha de “já” nos exemplos dados por Volóchinov ou a descrição de uma situação, no mínimo estranha, como a de um caseiro com um maço de “bilhetes de loteria” gritando no portão de uma casa. Hipotetizamos que tenha havido alguma interferência da língua do texto de partida para T1, que é, segundo os tradutores, o espanhol.

Quanto à opção pela expressão “fita magnética”, entendemos que ela seria justificável de acordo com o que Pym identifica como “equivalência cultural” (2017, p. 29), pois a ideia de gravar algo em aparelhos antes da popularização das tecnologias digitais estava muito associada às fitas cassete, e não a gramofones.

Entendemos que nossas comparações não são exaustivas, mas apontam para a importância de se conhecer as várias traduções que circulam na recepção contemporânea do pensamento de Volóchinov. Esperamos, portanto, que nossa pesquisa traga uma contribuição à divulgação do pensamento desse autor para o público brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BAJTIN, M. La construcción de la enunciación. *In*: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. **Bajtin y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Antropos, 1993. p. 245-276.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989.
- BEZERRA, P. Introdução. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BEZERRA, P. Pós-fácio. *In*: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BILLETE. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23. ed., 2015 [versión 23.6 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es/billete>.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.15, n. 2, p. 33-63, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/44560>.

COSTA E SILVA, H. O. **Tradução e dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, J. L. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Grimes. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33544>.

GERALDI, J. W. Introdução. *In*: VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Coordenação da tradução de Valdemir Miotello. São Carlos: Editora Pedro & João, 2013.

GRILLO, S. V. C.; AMÉRICO, E. V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. *In*: VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução direta do russo de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

IBARRA, J. **Diccionario de la lengua castellana**: compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su más fácil uso. Madrid: Real Academia Espanhola, 1783.

PEREIRA JÚNIOR, A. A velha fita ainda tem magnetismo. **Superinteressante**. São Paulo, 30 nov. 1994 atual. 31 out. 2016. Seção Tecnologia. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/a-velha-fita-ainda-tem-magnetismo>.

PYM, A. **Explorando as teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri *et al.* São Paulo: Perspectiva, 2017.

PORTO BOENAVIDES, D. L. Publicação e recepção das obras do Círculo de Bakhtin no Brasil: a consolidação da análise dialógica do discurso. **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 17, n. 4, p. 104-131, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/56378>.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. *In*: OLIVEIRA, L. A. (org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-69.

SOUZA, G. T. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

STAFUZZA, G. O Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: episteme, autoria e tradução em perspectiva dialógica. **Heterotópica**, Uberlândia, v. 1; n. 1, p. 66-82, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48519>.

VIEIRA, M. L. **O gramofone e o disco fonográfico de Berliner**: o som do vinil. Disponível em: <https://osomdovinil.com/gramofone/>.

VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Coordenação da tradução (do italiano) de Valdemir Miotello. São Carlos (SP): Editora Pedro & João, 2013.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução direta do russo de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

VENCIMIENTO. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23. ed., 2015 [versión 23.6 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es/vencimiento>.

YA. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23. ed., 2015 [versión 23.6 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es/ya>.